

UM MODELO PARA A MUDANÇA EM HERÁCLITO

Celso De Oliveira Vieira

RESUMO: Da união representada em B60 por um mesmo caminho que vai para cima e para baixo retira-se um modelo para a mudança em Heráclito. Seus componentes seriam dois opostos, A e B, e um mesmo substrato que os une, AB ou BA. Trata-se portanto de uma mudança retilinear e recíproca que serve de prova para a união dos opostos. As condições para seu funcionamento dependem da interação entre seus componentes. A união no substrato é condição de existência para os opostos. No entanto ela não pode unificá-los em um todo homogêneo pois impossibilitaria a mudança da qual depende. A aplicação desse modelo aos casos particulares apresentados em outros fragmentos permite compreender melhor a interação entre os tipos de mudança, sucessiva ou simultânea, e os tipos de opostos, com existência real ou aparente.

PALAVRAS-CHAVE: Heráclito, mudança, opostos, união, ontologia

INTRODUÇÃO

No fragmento B60¹ Heráclito afirma ser “o caminho para cima e para baixo um e o mesmo”. Sua leitura é consensual: é um mesmo caminho aquele percorrido [por algo ou alguém] para ir e voltar [de algum lugar]. As divergências surgem durante o esforço interpretativo de se lidar com as indeterminações dessa afirmação geral. As opções apresentadas se enquadram numa perspectiva humana ou numa cosmológica².

A humana restringe o fragmento a um exemplo relativista cuja interpretação independe de qualquer determinação. Quem sai de cima e chega em baixo percorre o mesmo caminho mas chega em um ponto contrário de quem sai de baixo e chega em cima. Onde “quem” pode ser qualquer coisa e “cima e baixo” pode ser qualquer lugar desde que sejam distintos. Por outro lado interpretação cosmológica se embasa em testemunhos antigos para determinar o contexto do fragmento³. Assim B60 trataria da descrição das mudanças dos componentes do cosmos. Por exemplo, a água subindo e descendo pelo mesmo caminho viraria terra e voltaria a ser água. A leitura humana é mais prudente ao aceitar a indeterminação do fragmento evitando impôr sobre ele algum caso particular. Porém o uso que ela faz da indeterminação parece não realizar o objetivo de uma generalização, ser aplicável a vários casos particulares. Aplicabilidade que se aceita poderia incluir o processo de mudança cosmológica, sem limitar-se a ele. Este será o objetivo desse artigo.

A amplitude de aplicabilidade de B60 pode ser verificada sem a necessidade de

comprovação pelos testemunhos indiretos. Para isso é preciso confrontar a situação descrita no fragmento com as mudanças apresentadas em outros fragmentos. O primeiro passo necessário será então definir o modelo representado por B60 dentro do pensamento de Heráclito. Uma vez preparado esse modelo serão classificadas as situações a ele aplicáveis. Satisfeitas estas condições poderá se realizar a aplicação. Da qual se extrairão algumas implicações necessárias ao seu funcionamento que permitirão melhor definir seus componentes.

O FRAGMENTO B60 DENTRO DO PENSAMENTO DE HERÁCLITO

A apresentação de um par de opostos, “em cima e em baixo” (*anô katô*), seguida de sua união, “(serem) um e o mesmo” (*mia kai hôutê*) evidencia que B60 trata da teoria de Heráclito usualmente conhecida como “união de opostos”. Essa teoria, desenvolvida mais pela apresentação de exemplos do que pela argumentação, provaria a união daquilo que é normalmente percebido pelos humanos como oposto. Para que o exemplo do caminho em B60 funcione também como um modelo basta aceitar sua generalidade ser suficiente para abstrair sua particularidade. Heráclito não quisera mostrar que o caminho do Pireu para a Acrópole era o mesmo que o da Acrópole para o Pireu. Ele queria mostrar que todo caminho de uma lugar a outro era um e o mesmo. Se os componentes do cosmos percorressem um caminho este seria também um e o mesmo. Esse uso permitiria ainda mais um passo na generalização. Pois o caminho percorrido pelos componentes do cosmos implica na sua mudança (cf. B30-31 e B36). Assim se toda mudança, tanto de um lugar para o outro, quanto de um estado para outro, ou ainda de uma coisa para outra fosse vista como um caminho⁴ percorrido, este também seria um e o mesmo. Desse modo não seria absurdo generalizar B60 como um modelo de mudança que prova a união dos opostos⁵.

Esquematizado segundo uma imagem geométrica, mais adequada a generalizações nos dias de hoje, este caminho poderia ser representado por um segmento de reta AB no qual o ponto A seria uma extremidade (o “em cima”) e o B a outra (o “em baixo”). Nessa imagem, como no exemplo anterior, pensar o caminho como “um e o mesmo” é bem simples, já que tanto de A para B quanto de B para A se forma um mesmo segmento. Assim, seria adequado denominar retilinear um tal modelo de mudança que comprovaria a ligação de A e B. Além disso sua reversibilidade necessária, pois é o fato de ser possível tanto ir de A para B quanto voltar de B para A que comprova sua união, indicaria se tratar de uma mudança retilinear recíproca.

Assim o modelo relaciona os opostos através da mudança entre eles. O mínimo que sua aplicação exige então é a existência de dois opostos e da ocorrência de alguma mudança entre eles. Contudo há vários exemplos de união de opostos em Heráclito que indicam diferentes tipos de pares de opostos unidos por diferentes tipos de mudança. De modo que antes de sua aplicação ao modelo convém estabelecer primeiro uma classificação dos tipos de mudança e dos tipos de pares de opostos, para em seguida poder relacionar aqueles que satisfizerem as exigências mínimas ao modelo de B60.

DOIS TIPOS DE MUDANÇA

Os tipos de mudança identificados em Heráclito podem ser classificados em dois segundo sua temporalidade, a diacrônica e a sincrônica⁶. Diacrônica é a mudança sucessiva de uma coisa, elemento ou qualidade em outra. Por exemplo o dia vira noite como em B67 e ambos são um como segundo B57, a água vira terra e a terra vira água em B31, e uma coisa quente esfria e uma fria esquenta em B126. Essa sucessividade recíproca⁷ parece garantir sua aplicação ao modelo proposto. Algo em t1 é ou está em A, então sofre uma mudança ou percorre um caminho, e então em t2 é ou está em B.

Já o caso da sincrônica é menos trivial. Ela é simultânea e comprovada pela alteração ou de quem percebe ou de um aspecto do que sofre a mudança. Daí a controvérsia, pois tanto a alteração de um referente externo quanto a de um interno são utilizadas como intrínsecas à coisa. Por exemplo, a água do mar é saudável para os peixes e mortal para os homens segundo B61 e a geração da água é a morte da terra em B36. Como mostra esse último exemplo relativo a referentes internos, o par igualado sincronicamente, geração e morte, participa de um par igualado diacronicamente, a água que vira terra. Participação que parece assim garantir sua aplicabilidade ao modelo proposto. Sendo A água e B terra, AB descreveria a morte da água e BA a sua geração. Assim A em t1 seria o início em relação a AB e, ainda em t1, o fim em relação a BA. Já no caso do primeiro exemplo é necessário a inserção de dois referentes externos para garantir a sincronicidade do modelo. Em t1 para o referente 1 que está em A, AB seria, por exemplo, uma subida. Enquanto também em t1 para um referente 2 que está em B, BA seria uma descida⁸. Isso garante sua união mas a embasa fora do modelo de mudança.

OS TIPOS DE OPOSTOS DIVIDIDOS SEGUNDO A MUDANÇA

A classificação dos pares de opostos mais conveniente nesse caso seria tomar por critério a sujeição à mudança. Alguns pares apresentados nos fragmentos se encontram em mudança entre si outros não. Aqueles que não mudam são menos numerosos e, obviamente, não podem ser aplicados a nenhum modelo de mudança⁹. Sua mera ocorrência já apresentaria um problema. Se eles não estão em mudança, e é a mudança que unifica os pares, eles impediriam a generalização de B50 segundo o qual “é sábio concordar tudo ser um”. Desse modo para que ocorram pares cuja ausência da mudança impede sua união, eles devem estar sujeitos a algum outro modo de unificação.

Os pares que não mudam parecem ser, em geral, compostos segundo uma mesma fórmula¹⁰. Nesse caso Heráclito prefere usar de pares de palavras com a mesma raiz, diferenciadas pela adição de um alfa privativo (“a-”), cuja tradução em português se daria pelo prefixo “in-”. Isso lhes faria formalmente contrários¹¹. Alguns exemplos são “experientes/ inexperientes” (*peir-/ apeir-*) em B1, “justas/ injustas” (*dik-/ adik-*) em B102 e “presentes/ ausentes” (*parei-/ apei-*) em B34¹² (12). O contexto destas ocorrências é suficiente para negar que haja mudança entre eles. Em B1 os homens apesar de serem experientes “aparentam” (*eoika*) inexperientes. Assim como em B34 onde o dito “presentes ausentes” ilustra a situação descrita na qual os homens mesmo escutando “aparentam” (*eoika*) ser surdos. Nessas duas situações não se verifica um processo físico que muda do inexperiente para o experiente ou do ausente para o presente. Todos são sempre experientes e aqueles que estão presentes estão naquele momento presentes. Eles portanto apenas aparentam ser inexperientes e estarem ausentes. Assim caso um inexperiente ou ausente aparente se dê conta que é de fato experiente e está presente, ele não mudaria de estado, apenas passaria a compreender o estado em que sempre esteve. Em B102 a diferença da situação é que a comparação não é mais entre homens apenas mas sim entre homens e deuses. Para os deuses todas as coisas são justas enquanto os homens “supõem” (*hypolambanô*) algumas justas e outras injustas. Mais uma vez não há mudança de uma coisa justa para injusta e vice-versa. Essa falta de mudança geraria o problema da unificação desses pares. Nesse último caso, B102, sua solução é clara. Tudo ser justo para o deus acaba com a legitimidade da existência em si das coisas injustas, ainda que alguns humanos as suponham. O que indica a solução para os outros casos, mesmo sem a necessidade de se utilizar o deus. A inexperiência e a ausência pertencem ao domínio da aparência apenas¹³. Portanto não existem realmente. Assim não constituiriam um problema para a generalização 'tudo é um'¹⁴. Essa solução pela negação

de um dos componentes do par permite denominá-los pares de contraditórios, já que um é definido em oposição ao outro sem constituírem uma união. Nesse caso apenas um dos pares existe realmente¹⁵.

Os pares em mudança, por sua vez, são em geral formados por duas palavras de raízes diferentes. As formas através da qual sua relação é demonstrada variam. A mais simples, e mais recorrente, é a simples citação sequencial das duas palavras. Assim como em B67 que apresenta “deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, fartura-fome”. Por vezes alguma partícula conjuntiva é utilizada como em B61 no “e” (*kai*) entre “puríssima e sujíssima”. Por fim verbos podem ser utilizados para descrever situações mais complexas como em B126 segundo o qual “as frias esquentam, as quentes esfriam” e B36 onde “morte para água é terra gerar”. O único caso no qual parece existir um uso próprio padronizável em Heráclito é o primeiro, aquele dos pares construídos sem nenhum tipo de conectivo. Essa repetição estrutural poderia caracterizar uma tentativa intencional discursiva de informação. Não seria difícil supor que com a união dos nomes o autor quisesse expor a união das coisas¹⁶. Porém além da exposição era preciso prová-la. Diferente do pares de contraditórios nenhum dos componentes dos pares em mudança é negado para se chegar a unidade. Sua união vem da mudança que ocorre entre eles. Para indicar isso Heráclito teria que, por vezes, abdicar do seu uso próprio e recorrer a usos mais convencionais coordenando os opostos com partículas e verbos. Sendo essa mudança uma oposição contínua entre dois lados participantes que possuem uma existência real, esse tipo de par pode ser denominado par de contrários¹⁷. Porém esses contrários, apesar de compartilharem a característica de nenhum deles pertencer ao âmbito da aparência e de estarem sempre em movimento, parecem possuir modos de existência diferentes que valem ser examinados em relação ao tipo movimento ao qual se submetem.

OS TIPOS DE CONTRÁRIOS EM MUDANÇA DIACRÔNICA

Os três exemplos que vêm sendo usados como paradigma para caracterizar os pares de contrários aplicáveis ao modelo de mudança diacrônica foram escolhidos por seus componentes representarem modos de existência diferentes segundo uma perspectiva anacrônica. A terra e água junto com o ar e o fogo são conhecidos a partir do uso aristotélico como elementos. Eles seriam componentes básicos inalteráveis das coisas. Como os fragmentos B31 e B36 de Heráclito tratam justamente da alteração de um em outro fica claro que sua compreensão difere daquela de Aristóteles. Água e terra não podem ser elementos,

mas poderiam sim ser vistos com componentes básicos de um cosmos fluente justamente por estarem em alteração contínua entre si.

Por sua vez dia e noite são vistos como fenômenos meteorológicos. Assim como inverno e verão. Que Heráclito está ciente dessa ligação parece ser indicado em B67 onde ambos os pares ocorrem. Porém esse mesmo fragmento indicaria que a ligação ultrapassa a meteorologia ao apresentar os pares “guerra-paz” e “fartura-fome”. Assim Heráclito parece entendê-los como fenômenos em geral. Talvez o melhor nome seja acontecimentos. Como terra e água eles também alteram entre si, ou seja participam do mesmo modelo de mudança. Resta saber se isso implicaria em compartilharem o mesmo modo de existência.

Já o quente e o frio são vistos como qualidades. O quente precisaria estar em alguma coisa para esfriar. Porém Heráclito mais uma vez não parece estar preocupado em diferenciar esse ou aquele modo de existência dependente do quente ou do frio. O que lhe interessa é que eles também sofrem o mesmo processo de mudança. Provavelmente para ele assim como a água morre ao se mudar em terra, o quente e o dia fariam o mesmo ao se mudarem em frio e em noite. O processo de mudança que une cada um desses pares é o mesmo, denominado acima como mudança diacrônica. De modo que parece ser a sucessão entre os pares (comum a todos) mais do que o seu modo de existência (particular a cada par) o que Heráclito queria enfatizar.

OS TIPOS DE CONTRÁRIOS EM MUDANÇA SINCRÔNICA

Além da diacrônica, também a mudança denominada sincrônica serve para provar a união de opostos (ou, mais precisamente, de contrários). Sua característica é o uso da troca de um referente, seja ele interno ou externo. No caso do referente interno, como se viu, a união provada pela mudança sincrônica depende daquela diacrônica. Como no caso da morte da água ser a geração da terra. Assim água e terra, referentes internos pois são unidos pela mudança diacrônica, servem para justificar a união de geração e da morte.

O outro caso trata de referentes externos. Também foi visto que a água do mar é pura e saudável para os peixes e suja e mortal para os homens. Onde peixes e homens serviriam como provas mas estariam fora do processo de mudança e união. Outra vez ocorreria uma generalização extraída de tais exemplos. Nesse caso ela fica clara pela queda dos referentes durante a formulação conclusiva da sua união. Sendo elementos externos ou internos os referentes não figuram na formulação geral. Segundo a primeira frase de B61 “o mar (é) água puríssima e sujíssima. O fato de o ser respectivamente para peixes e homens parece ser apenas

um exemplo que pode ser omitido da conclusão. Esses referentes são apresentados na sequência do fragmento, porém, como era comum nas sentenças dos chamados sete sábios, é a primeira frase que traz a conclusão¹⁸. Diferente do caso da união entre geração e morte cuja dependência dos pares em movimento diacrônico não é abandonada.

Essa diferença garante a aplicabilidade do modelo de mudança aos pares de contrários que sofrem a mudança diacrônica seguindo a troca de um referente interno, mas não àqueles que seguem a troca de um referente externo¹⁹.

APLICAÇÃO DO MODELO DE MUDANÇA

Então os componentes dos pares que sofrem tanto a mudança diacrônica quanto a sincrônica, sendo conscientemente vistos por Heráclito como portadores de um modo de existência diferente ou não e de se relacionarem a referentes internos ou não, devem compartilhar algumas características necessárias para suas respectivas aplicabilidades ao modelo. A aplicação do modelo de mudança que virá em seguida tem por objetivo justamente determinar da melhor maneira possível essas características.

Como se viu a união sincrônica, quando com referentes internos, depende da diacrônica. Assim como geração depende de ser geração de alguma coisa²⁰. Portanto o modelo será apresentado em duas etapas. A primeira tratando sua fase diacrônica e determinando as características por ele exigidas. E a segunda tratando da sua fase sincrônica.

A FASE DIACRÔNICA DO MODELO DE MUDANÇA

Segundo o modelo A muda em B e B muda em A, compondo a união AB que é uma e a mesma que BA. Essa aplicação geral mostra antes de mais nada duas características opostas aos pares de contraditórios. Primeiro ela garante alguma existência real, não apenas aparente, tanto a A quanto a B. Eles não seriam contraditórios, mas apenas contrários. A aceitação de um não implica na negação do outro, na verdade, um depende fisicamente do outro²¹. Por isso ambos tanto compõem AB quanto dependem de AB. O que parece gerar um problema. Se A e B devem existir separadamente para que haja mudança entre eles, mas essa mudança os une em AB, se tratariam de quantos componentes, um (AB), dois (A e B), três (A, B e AB) ou até mesmo quatro (A, B, AB e BA). O modelo sugerido aponta para a terceira opção ao definir o “em cima” (A) o “em baixo” (B) e “o caminho que é o mesmo” (AB ou BA). A investigação dos diferentes exemplos apresentados confirma a validade do modelo. Em B31

entre água e terra há as formações de fogo²², em B126 entre quente e frio há alguma coisa²³, e em B67 entre dia e noite há um deus. Então alguma entidade AB teria que ser aceita. Pelo fato de subjazer a união entre A e B, AB costuma ser entendido como uma espécie de substrato²⁴. O caso de B67 onde “deus” (*theos*) cumpriria essa função por um lado torna muito difícil determinar as características desse substrato já que a noção de deus é tão ampla que quase é indeterminada. Por exemplo uma de suas características mais comum e geral seria a imortalidade. O que não contribui muito para essa investigação tendo em vista a união de geração e morte na mudança sincrônica. Por outro lado essa aplicação de uma noção tão ampla poderia indicar justamente que a postulação de tal entidade fora posterior, com o intuito de satisfazer uma necessidade teórica. O que reforça a indicação de que segundo Heráclito a mudança deve acontecer em algo. Essa necessidade, também verificável em outro caso mais banal, de algo quente que muda em algo frio, parece colocar os contrários mais próximos da compreensão que temos das qualidades do que da de coisas. Ou seja, os contrários (A e B) dependem de existir em alguma coisa (AB, ou um substrato) para existirem.

O MODO DE EXISTÊNCIA DOS CONTRÁRIOS

É preciso, então, examinar se esses contrários apresentam características mais próximas do que se entende normalmente por qualidade ou por coisa. Essa distinção não foi feita claramente por nenhum pré-socrático. Essa indistinção tende a ser vista como privilegiando o conceito mais primário de coisa, aplicando-o então às qualidades²⁵. Assim alguma existência própria seria atribuída às qualidades. Em Heráclito, de fato, para o funcionamento do modelo A e B devem ter uma existência própria. Porém sua existência depende daquela do substrato AB. Assim fica claro que o modo de existência dos pares de contrários fica entre o de coisa e qualidade. Resta saber qual desses tipos se sobrepõe ao outro. Um critério de decisão poderia ser a importância. Se o substrato for mais importante os contrários existiriam mais como qualidades do que como coisas. Não há uma indicação clara, mas uma importância maior parece mesmo ser atribuída ao substrato. Um sinal disso seria a escolha de “deus”, termo religioso absoluto, num dos casos de sua postulação. Outro seria a estrutura formal dos fragmentos onde o substrato é apresentado como título do qual se seguem os pares de contrários. B67 serve como paradigma das duas situações²⁶. Portanto seria a noção de qualidade a se sobrepôr à de coisa no caso de A e B dependentes de AB.

A UNIÃO NÃO UNIFICA OS CONTRÁRIOS

Aceitando que A e B dependem do substrato AB para existirem, e que em AB acontece a mudança contínua que une A e B, deve-se seguir que essa união não os unifica, não se trata portanto de uma identidade. Pois se fosse assim a mudança estaria impossibilitada. De A até A não haveria sequer um segmento ou substrato para ser o mesmo²⁷. Os extremos são unidos mas não são um e o mesmo no sentido de formarem um todo homogêneo que anule suas diferenças. O que clarifica o tipo de harmonia que se encontra em Heráclito. Não seria uma harmonia pitagórica que realizada acaba com a oposição/ diferença entre seus elementos. Seria antes uma harmonia inaparente como a preferida em B54 que permite unir os contrários desde que alguma tensão que provoque o movimento entre eles seja mantida²⁸. Até mesmo a absolutização exposta pelo “tudo é um” deve se submeter a essas condições. O que indica a união total não se tratar de uma unificação total. Nenhum dos contrários será negado. Mesmo após a constatação de que tudo está ligado, pode-se até supor, sob um substrato absoluto digno de ser nomeado deus, eles, e a mudança entre eles, seguem tendo uma existência própria. Mas se é certo que os contrários devem ser entendidos como diferentes, é preciso saber se a determinação dessa diferença é fixa. Por exemplo, se A é sempre o extremo de cima e B sempre o de baixo. O que leva a investigação da segunda parte do modelo de mudança retilinear, a reciprocidade, que permitirá alguma união sincrônica de contrários.

A FASE SINCRÔNICA DA MUDANÇA

Restringindo-se a uma etapa do modelo de mudança, como foi feito até aqui, os extremos parecem possuir uma definição fixa. Existiria um A e um B que sempre seriam bem determinados, por exemplo, o “em cima” e o “em baixo” respectivamente. Porém o modelo retilinear em Heráclito parece abarcar outras etapas em direções opostas lhe dando características recíprocas que podem relativizar essa fixidez. AB só é o mesmo que o BA porque a mudança ocorre nas duas direções. Mais uma vez as outras ocorrências confirmam essa característica extraída do modelo geral. Por exemplo, em B36 água virando terra e terra virando água ou em B126 as coisas frias esquentando e as quentes esfriando. O problema é que uma união sincrônica de A e B anularia suas diferenças. Se A é A ou B, e B é também A ou B a condição necessária ao movimento verificada acima, a diferença entre A e B que garante alguma propriedade à sua existência não seria mais satisfeita. Então a união sincrônica de opostos deve acontecer sem a perda da particularidade determinante a ambos. A

solução vem da dependência, já identificada no modelo, entre a mudança sincrônica e a diacrônica. A sincrônica depende de um referente, que no caso de ser interno, sofre a mudança diacrônica. Por exemplo a união entre geração e morte depende da mudança entre água e terra. Para então poder ser dito que a geração da água é a morte da terra. Ou seja, a geração de A é a morte de B. A e B continuam diferentes, porém o fato de comporem AB justificaria a união sincrônica do início de AB com o final de BA.

Assim continua claro que os contrários permanecem com uma determinação fixa, onde o quente segue sendo sempre o quente, a água sempre a água e assim por diante, porém a possibilidade da inversão do sentido do movimento permite uma relativização desses contrários em relação a mudança que sofrem. O que não seria menos intrínseca a eles uma vez que, como se viu, a mudança sincrônica representa um papel equivalente ao da diacrônica na união dos extremos. Assim, uma mudança que começa em A e acaba em B, pode também recomeçar em B e acabar em A²⁹ (29). Isso faz com que A possua a característica de ser simultaneamente o começo de AB e o fim de BA, e B o contrário. O modelo de mudança retilíneo e recíproco em Heráclito implica, então, na aceitação de uma diferença fixa mas relativizável entre os extremos, que são determinados, como quente ou frio, água ou terra, mas que também trocam de papel representando por vezes a origem ou geração e por vezes o final ou a morte.

CONCLUSÃO

Concluindo pode-se sistematizar o modelo de mudança em Heráclito da seguinte forma. Existem dois limites contrários determinados que desempenham papéis relativos ao sentido da mudança. Esses contrários não são um mesmo homogêneo, mas se encontram conjugados por um caminho de mudança que é um e o mesmo, pelo qual se alternam e do qual dependem para existir. Tanto de seus papéis serem relativos (ora fim ora início) quanto da sua dependência de um mesmo caminho de mudança se segue que eles são um, mas pelo fato de haver mudança se segue também que eles possuam alguma diferença e existência própria. Como tudo que tem uma existência física está em constante mudança, tudo deve seguir esse modelo e assim tudo pode ser dito um. Fora desse modelo estão os contrários cuja união é provada em relação a um referente externo e ainda um dos componentes dos pares de contraditórios. Um desses últimos pertence apenas à aparência e portanto não está em constante mudança nem segue esse modelo. Ainda assim, esses pares podem ser ditos um, na medida em que um de seus componentes sempre é negado.

BIBLIOGRAFIA

Edição e comentário dos Fragmentos de Heráclito:

DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker: Griechisch und Deutsch*. 10ª Edição. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1960-61.

KIRK, G. S. *The cosmic fragments*. Cambridge: 1975.

PRADEAU, J-F. *Héraclite. Fragments [citations et témoignages]* Paris: GF Flammarion, 2004.

Autores antigos:

Aristóteles, *Categorias*; ROSS, E. D. (Ed.) Aristotle, Works, v. 1. *Categoriae and De interpretatione* / by E. M. Edghill, Oxford, Clarendon Press, 1928

Platão, *Teeteto, Sofista, Banquete*; In. Plato in Twelve Volumes, Vols. 9 and 12 translated by Harold N. Fowler. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921.

Diógenes Laércio, Goulet-Cazé, M.-O.(Org.) *Vie et Doctrines des Philosophes Illustres*, Paris, La Pochothèque, 1999

Comentadores modernos:

BARNES, J. *The Presocratic Philosophers*, London, Routledge, 1982

GRANGER, H. *Argumentation and Heraclitus's Book*, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 15: 2004

GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy Vol.1*, London, Cambridge press, 1962

IRWIN, T. H. *Plato's Heracliteanism* In. *The Philosophical Quarterly*, Vol. 27, No. 106 (Jan., 1977), p. 1-13

KIRK, G.S. *Natural Change in Heraclitus* In. *Mind, New Series*, Vol. 60, No. 237.(Jan.,1951), p.35-42.

LONG, A. *The Cambridge Companion to Presocratic Philosophy*. Cambridge: University Press, 2006.

MOURAVIEV, S. *Heraclitea III.3.A. Recensio: fragmenta. A De sermone tenebrosi praefatio*. Berlin: Academia Verlag, 2002

MOURELATOS, A. L. *Heraclitus and Parmenides and the naïve metaphysic of things* In. *The route of parmenides*, revised and expanded edition, Las Vegas, parmenides publishing, 2008.

POWELL, E. *A lexicon to Herodotus*, London, Cambridge press, 1938.

SNELL, B. *The Discovery of Mind*, Oxford, Oxford press, 1953.

VLASTOS, G. *On Heraclitus* In. *The American Journal of Philology*, Vol.76, No.4(1955). p.337-68.

¹ A numeração seguida é a de Diels-Kranz. As traduções são próprias.

² Uma confrontação dessas interpretações acontece em Vlastos que opta pela cosmológica: “a referência primária dessa asserção da unidade-identidade dos opostos torna-se um fenômeno cosmológico da maior importância ao invés de uma banalidade, como a igualdade do caminho que vai montanha acima e montanha abaixo adotada com toda seriedade por Kirk e outros”. VLASTOS, G. *On Heraclitus. The American Journal of Philology*. Vol.76, No. 4, 1955, p.349

³ Por exemplo: Diógenes Laércio, IX.1.8 “a mudança (*metabolê*) é o caminho para cima e para baixo, e o cosmo vem a ser de acordo com ela”. Marco Antônio, VI, 17 “para cima para baixo, em ciclos, [são] os movimentos dos elementos (*stoicheiôn*)”. Essa é a interpretação mais recorrente entre os antigos mas não é a única. Para uma lista de várias referências cf. MARCOVICH, M. *Heraclitus: Greek Text with a Short Commentary*, Sankt Augustin: Academia, 2001 p.165-170.

⁴ O fato de se tratar de um 'caminho' não foi entrave algum para a generalização do escopo do fragmento que foi apresentado como um modelo das mudanças físicas, cosmológicas e até mesmo cosmogônicas em Heráclito. Para a sequência do texto basta aceitar que o caminho para cima e para baixo serve como modelo de mudança, independentemente de ser esse também um modelo cosmogônico ou cosmológico.

⁵ Ainda mais dentro de um pensamento no qual a união de pares opostos implicaria na união absoluta de B50 onde “é sábio concordar que tudo é um”.

⁶ Irwin identifica e divide esses dois tipos de mudança em “mudança de si (mudança-s)” e “mudança de aspecto (mudança-a)” e explica: “x muda-s se em um tempo t1 x é F e em um tempo t2 x é não-F, e x ele-mesmo não está na mesma condição em t2 como estava em t1. ... x muda-a se x é F em um aspecto, não-F em outro, e x está na mesma condição quando é F e quando é não-F” IRWIN, T. H. *Plato's Heracliteanism, The Philosophical Quarterly*, Vol. 27, No. 106 (Jan., 1977), p.4. Para ele a sincronicidade não é uma característica essencial do segundo tipo de mudança. Porém como mostrará a aplicação do modelo essa característica será determinante na definição do tipo de par de opostos que ela compõe.

⁷ B67 não explicita que o a noite vira terra, mas isso parece ser uma inferência pertinente.

⁸ Barnes usa dois tipos de mudança similares aos aqui apresentados para mostrar que Heráclito comete uma “falácia da queda da qualificação” ao propor sua união de opostos. Em um caso seria a qualificação temporal ignorada. Assim, alguém que é cabeludo em t1 e se torna careca em t2, ignorada a qualificação temporal, passa a ser dito cabeludo e careca. No outro caso a qualificação já não é temporal, como em a água do mar é boa para os peixes e ruim para os homens, donde, ignorando os qualificadores 'para os peixes' e 'para os homens' obtém-se que a água do mar é boa e ruim. cf. BARNES, J. *The Presocratic Philosophers*, London, Routledge, 1982 p.55-56. Heráclito não apresenta um argumento mas sim exemplos. Por isso essas premissas consideradas por ele, a variação do tempo e do referente externo, servem como exemplos particulares, e assim quando da formulação geral de sua conclusão são realmente eliminados. É importante notar que como no caso de Irwin a simultaneidade de um tipo de união, aquela entre início e fim, origem e morte, não é abordada.

⁹ Essa mudança seria contínua, indicando a aceitação de uma teoria do fluxo total em Heráclito. A existência de pares de opostos entre os quais não ocorre mudança não impede essa teoria já que como se verá um desses pares existe apenas no âmbito da aparência, e portanto, sem existência real não precisa estar sujeito à mudança. O outro componente desse tipo de par, o que existe, sofreria a mudança. Por exemplo, um homem que é experiente e aparenta ser inexperiente, não muda de experiente para inexperiente mas muda de jovem para velho. De qualquer maneira o funcionamento do modelo depende simplesmente da aceitação de alguma mudança que não precisa necessariamente ser contínua.

¹⁰ Uma exceção parece ser o uso de “potável/ impotável” para a água do mar em B61. Porém como se verá mais adiante a condição desse par comporta alguma ambiguidade entre real e aparente. Vale notar ainda que na conclusão onde os qualificadores são abandonados o par usado é “sujíssima-puríssima” e não “potável/ impotável”. Outra exceção que não nega a regra seria a harmonia inaparente ser melhor do que a aparente em B54. Pois com isso poderia ser dito que a aparente, apesar das aparências, sequer é harmonia. O que faz sentido ao se ler a harmonia de Heráclito fundada em oposição à pitagórica. A aplicação do modelo de mudança que se segue confirma essa posição.

¹¹ Na verdade em “presentes/ ausentes” a diferenciação é entre dois prefixos, *para* (junto de) e *apo* (afastado de). O fato de se tratar da citação de um dito pode explicar o fato de Heráclito não utilizar o estilo de sua preferência. Mas desse uso não se deve ampliar esse grupo incluindo os exemplos em que preposições opostas

são adicionadas às raízes como: “convergentes-divergentes”, “consonantes-dissonantes” (B10), já que esses parecem servir para tratar dos pares com existência real.

¹² B18 ainda fornece duas ocorrências que mesmo construídas com verbos parecem se enquadrar no modelo. Segundo o fragmento quem “não espera o inesperável não descobrirá o indescobrível”, de modo que uma vez descoberto tanto o “indescobrível” quanto o “inesperável” são provados pertencerem apenas a aparência. Outro caso seria o de B62 onde aparece “mortais-imortais, imortais-mortais”. Por ser um fragmento de construção complexa não há espaço para se defender a leitura que condiz com a interpretação proposta. Resta demonstrar qual é a leitura de uma maneira um pouco dogmática. A encadeação quiásmica de opostos teria por objetivo justamente definir um conceito único a partir da oposição aparente da opinião comum na qual o imortal é definido por oposição ao mortal. A participação da alma como vapor no ciclo macrocósmico garantiria a imortalidade a todo homem, porém apenas como um componente do cosmos, sem manter nenhuma individualidade. Seria portanto uma imortalidade mortal.

¹³ Gigon vê no uso dos verbos *einai* e *gignomai* em B1 uma oposição entre ser e aparecer (que anteciparia o topos platônico). GIGON Apud KIRK, G. S. *Heraclitus: The Cosmic Fragments*. Cambridge: University Press, 1975. p.40-41. Mas o fato de Heráclito associar *gignomai* (no particípio) a *logos* (como tinha feito com *eimi* no particípio) parece impossibilitar essa diferenciação. Mas ainda assim a distinção entre ser e parecer figura em B1, na oposição citada entre os homens serem experientes mas parecerem (*eoikasin*) inexperientes.

¹⁴ Em Parmênides, onde o movimento é totalmente negado e todos os opostos pertencem ao âmbito da aparência, como o “gerar e o perecer” que são apenas “nomes” colocados pelos humanos (cf. B8.36-41), se observa a mesma atitude de se negar um dos opostos. Desde a negação do não-ser, até as definições negativas do ser como por exemplo ao ser dito imóvel, a mobilidade é negada. Uma referência ao “nome” figura também em Heráclito em relação a Justiça/ <injustiças> em B23. Porém como “as coisas injustas ou injustiças” só aparecem no contexto do citador, e Justiça parece ser personificado fica difícil propor uma interpretação sem um exame mais aprofundado. Porém parece claro que a existência aparente de um depende do outro.

¹⁵ Sendo sua existência restrita ao âmbito da aparência eles só são conhecidos por oposição. Todos são experientes, mas como uns agem como se não fossem eles agem como inexperientes. Mais claro é o caso do indescobrível que só pode ser entendido por oposição ao descobrível. Mais complexo como se viu na nota anterior é o caso da injustiça, pois ela deveria ser conhecida apenas por oposição à justiça e não o contrário.

¹⁶ Schavernoich caracteriza esse tipo de estrutura como “antítese heracliteana” que seriam agrupadas em quatro, divididas em dois cola simétricos onde a tensão entre as palavras mostra sua unidade, tudo isso precedido por um título que também explica a unidade subjacente SCHAVERNOICH Apud. MOURAVIEV, S. *Heraclitea* III.3.A. Recensio: fragmenta. A De sermone tenebrosi praefatio. Berlin: Academia Verlag, 2002 p. 63. Convém lembrar que o texto grego era escrito em maiúsculas e sem separação de palavras. A tradução de B67 tenta usar elementos gráficos do português para se aproximar do original. O hífen indicaria a união, as vírgulas a divisão em pares e os dois pontos a maior importância do nome que ocupa a primeira posição. Por oposição ao uso do hífen que unifica adota-se o uso da barra (/) para separar os pares de contrários pertencentes ao domínio da aparência.

¹⁷ Assim os pares de contraditórios possuem um componente com existência apenas aparente, enquanto nos pares de contrários ambos têm existência real.

¹⁸ Para uma comparação entre o estilo das sentenças sapienciais dos chamados sete sábios e de Heráclito cf. GRANGER, H. Argumentation and Heraclitus's Book, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 15: 2004, p.1-50.

¹⁹ Resta então um problema fora do escopo dessa investigação. O que aconteceria quando o referente externo é usado como prova intrínseca da união entre opostos. O caso paradigmático é aquele de B61 onde se diz a água do mar ser suja para os homens e pura para os peixes. Caso se tratasse de um par de contraditórios referente ao âmbito da aparência a solução seria simples. Bastaria anular uma das opiniões. Mas nesse caso ambas são legítimas e servem para afirmar uma característica intrínseca da água do mar.

²⁰ Em *Categorias* 6a10 Aristóteles explica que entre o que é em relação a algo (*pros ti*) não é oposto/ contrário. Por exemplo o grande é grande apenas em relação a algo, então não é oposto, pois pode ser ao mesmo tempo grande em relação a algo e pequeno em relação a outra coisa. Mas em Heráclito esta relação não prova a existência ser em relação a algo, mas sim esse algo dependente também da mudança diacrônica possuir simultaneamente duas características contrárias intrínsecas.

²¹ Já foi aludida a possibilidade de dependência epistemológica entre os pares de contraditórios. Um é definido apenas em oposição ao outro. No caso dos contrários essa dependência seria real, portanto física.

²² A leitura de B31 aqui adotada confirma essa necessidade de algo que permita a alternância entre extremos. “Formações do fogo” (*puros tropai*) seria lido como um título (assim como deus em B67 cf. nota 16) ao qual se submete o resto do fragmento. Inteiro, ele seria assim, “formações do fogo: primeiro mar, e do mar uma metade terra e outra metade fulguração”. Essa leitura condiz com B30 onde o cosmo é fogo sempiterno acendendo-se e apagando-se em medidas. Assim acendendo viraria terra e apagando água. Condiz ainda com B36, no qual, para água é morte terra gerar e vice versa. Nesse caso o fogo não seria tratado porque pois segundo B30 e 31 esse é

sempiterno e suas medidas e formações é que formam os outros elementos.

²³ O uso do neutro como uma espécie de coletivo *ta psychra* indicaria uma noção indefinida de “coisas frias”.

²⁴ O termo aristotélico serve para descrever uma noção um pouco diferente em Heráclito. Assim como defende Hussey. “Quando ele (Heráclito) clama que dia e noite “são um” (B57) ele não quer dizer que eles são *idênticos*, mas, como B67 deixa claro, que eles são “uma coisa” sendo o mesmo *substratum* em estados diferentes. De fato, como vai ser visto, o pensamento de Heráclito pressupõe tanto a realidade quanto a oposição real dos opostos”. HUSSEY, E. Heraclitus. In: LONG, A. *The Cambridge Companion to Presocratic Philosophy*. Cambridge: University Press, 2006. p.95.

²⁵ Outra prova poderia ser a valorização da harmonia inaparente sobre a aparente (B54), já que o substrato, a união dos opostos, escapa a maioria dos humanos.

²⁶ Por exemplo Kirk comentando B61 “deveria ser desnecessário dizer que para ambos, Heráclito e Anaxágoras, 'os opostos' eram *coisas* opostas; quente e frio, saudável e danosa, tinham uma existência própria, e eram componentes atuais de objetos mais complexos com os quais aconteciam de estar conectados: essa visão, sem dúvida nunca definida nesses termos claros por Heráclito e Anaximandro eles mesmos, é a predecessora natural de um conceito de qualidade”. KIRK, G. S. *Heraclitus: The Cosmic Fragments*. Cambridge: University Press, 1975. p.74-75.

²⁷ Pradeau, ao comentar a passagem do *sofista* (242e) que cita Heráclito em oposição a Empédocles, opina: “é isso que faz a originalidade da tese heraclitiana, os contrários não são nem suprimidos nem subsumidos pela unidade mas a constituem” PRADEAU, J-F. **Héraclite**, citations et témoignages. Paris: GF Flammarion, 2002 p.270.

²⁸ Para uma defesa da diferença entre a harmonia heraclitiana e a pitagórica, ver GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy: The Earlier Presocratics and The Pythagoreans*. Vol. 1. Cambridge: University Press, 1962 p.436.

²⁹ Não seria necessário que toda mudança tenha que começar de um contrário e ir até o outro, estágios intermediários seriam aceitáveis.